

CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

SEMINÁRIO BIOMAS

20ª Semana C&T

SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

“Biomassas do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais”

15 a 19 de outubro de 2024



Caderno de Programação e Resumos
SEMINÁRIO BIOMAS

20ª Semana C&T
“Biomass do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais”
15 a 19 de outubro de 2024

Belo Horizonte (MG)

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS CEFET-MG

Diretora-Geral

Carla Simone Chamon

Vice-Diretor

Conrado Rodrigues

Chefe de Gabinete

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretora de Educação Profissional e Tecnológica

Lilian Aparecida Arão

Diretor de Graduação

Moacir Felizardo de França Filho

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Laíse Ferraz Correia

Diretor de Planejamento e Gestão

Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Patterson Patrício de Souza

Diretora de Governança e Desenvolvimento Institucional

Carolina Riente de Andrade

Diretor de Tecnologia da Informação

Sandro Renato Dias

Diretor de Desenvolvimento Estudantil

Leandro Braga de Andrade

Coordenadora de Divulgação Científica e Tecnológica

Cristiane Oliveira Pisani Martini

Diretora do Câmpus Nova Suíça

Cláudia Gomes França

Coordenadora de Divulgação Científica e Tecnológica

Cristiane Oliveira Pisani Martini

20ª Semana C&T
“Biomassas do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais”
15 a 19 de outubro de 2024

SEMINÁRIO BIOMASSAS

Comissão Organizadora

Profa. Dra. Elaine Martins

Prof. Dr. João Santiago Sobrinho

PROGRAMAÇÃO

Quarta-feira, 16 de outubro | Campus Nova Suíça | Sala 330

Território I (13h00 - 14h30)

Biomias rosianos - Prof. Dr. Josué Godinho (UEMG)

Biomias deleuzoguattarianos - Prof. Dr. João Santiago Sobrinho (CEFET-MG)

Biomias esquizodramais - Profa. Dra. Margarete Amorim (IGB)

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

Território II (14h30 - 16h00)

Biomias vegetais - Ms. Luciana Tanure (CEFET-MG)

Biomias líquidos - Prof. Ms. Franklin de Paula Jr. (UNB)

Biomias políticos - Profa. Dra. Nilcea Moraleida (UFMG)

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

Território III (16h00 - 17h30)

Biomias nietzschianos - Prof. Dr. Laurici Gomes (UEMG)

Biomias sociais - Prof. Dr. Ubirajara Santiago de Carvalho (CEFET-MG)

Biomias poéticos - Profa. Dr. Elaine Martins (CEFET-MG)

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

Quinta-feira, 17 de outubro | Campus Nova Suíça | Sala 330

Território IV (13h00 - 14h30)

Biomias textuais - Prof. Dr. Wagner Moreira (CEFET-MG)

Biomias digitais - Prof. Dr. Rogério Barbosa (CEFET-MG)

Biomias editoriais - Prof. Dr. Julio Abreu (CEFET-MG)

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

Território V (14h30 - 16h00)

Biomias afro-brasileiros - Grad. Andreia Pereira Ledo (UFOP)

Biomias ameríndios - Prof. Dr. Rafael Fares (UEMG)

Biomias ecológicos - Dr. Reginaldo Lopes (UFRJ)

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

Intervalo (16h00 - 16h30)

Território VI (16h30 - 18h00)

Biomias musicais - Ms. Anderson Reis (UFMG)

Biomias biológicos - Profa. Dra. Fabiana Pereira (CEFET-MG)

Biomias tecnológicos - Prof. Dr. Roger Dutra (CEFET-MG)

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

Território VII (18h00 - 19h30)

Biomias geográficos - Grad. João Moraleida (UFMG)

Biomias educacionais - Prof. Dr. Fernando Zanetti (UEMG)

Biomias cineambientais - Prof. Dr. Pedro Aspahan (UFMG)

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

SEMINÁRIO BIOMAS

Neste experimento imanente, sem categorias de identidade, origem, causa inicial ou final, por exemplo, o pensamento de vários territórios se volta para pensar a arte, a filosofia e a ciência e outros saberes no intuito de expor o drama da Terra e do pensamento, sobretudo no Brasil. Dramas decorrentes de uma inteligência técnica, isto é, de um racionalismo de imediatez cujos efeitos afetam todas as formas de vida do planeta. Bioma, nesse experimento, ganha um duplo sentido, biomas do pensamento e biomas da natureza, distintos apenas por uma linha de indiscernibilidade. O bioma é uma multiplicidade. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, “bioma é um conjunto de vida vegetal e animal, constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e que podem ser identificados a nível regional, com condições de geologia e clima semelhantes e que, historicamente, sofreram os mesmos processos de formação da paisagem, resultando em uma diversidade de flora e fauna própria.” Existe bioma da Amazônia, do Cerrado, da Mata Atlântica, da Caatinga, do Pantanal e do Pampa. Os biomas da Terra e os biomas do pensamento são um mesmo bioma. Com efeito, podemos falar de micro e macro biomas. Cada maneira de pensar, cada experimento, nesse seminário, procurará criar, de certa forma, um bioma no qual a escritura autoral em sua enunciação coletiva, seus intercessores, produz uma espécie de consistência problemática da vida e do que a anula. Na escritura, o conceito ajuda a manter um agenciamento biomático de escritura. O pensamento também produz novos biomas ao pensar, isto é, criar. Esses agenciamentos biomáticos são produzidos pela arte, a ciência e a filosofia e outros saberes. Também podemos perceber os pseudo biomas ou biomas de estriamento a se sobreporem acachapantes aos biomas da vida que, interrompida de sua circulação rizomática, põe-se a secar. O conceito opera intensidades biomáceas daquilo que se vai pensar. Na filosofia, “portanto, [ele é] ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos seus

conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que supõe resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema”. É o que dizem Deleuze e Guattari no livro *O que é filosofia?*. E isso vale para o campo da arte, que cria consistência por sensação, afectos e perceptos, que não são sentimentos nem percepções, mas dimensões estético-políticas; da ciência, que pensa por função; e dos outros saberes, que operam aos seus modos singulares. Os biomas da Terra, por seu turno, produzem suas próprias consistências a partir de agenciamentos singulares entre climas, plantas, ventos, animais, ritmos, sementes, pássaros, águas, povos, enfim. Essa fina complexidade misturada entre diferenças inúmeras, entre as quais a mais ínfima constelação de um ácaro não pode faltar. Os biomas da Terra, os corpos, encontram-se em desequilíbrio, logo, em desequilíbrio o pensamento, devido ao profundo desgaste por que passam sob ações geopolíticas antibiomáticas suicidárias.

Comissão Organizadora

Quarta-feira, 16 de outubro | Campus Nova Suíça | Sala 330

13h00 **Mesa Território I**

14h30 **Mesa Território II**

16h00 **Mesa Território III**

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

Território I (13h00 - 14h30)

- **13h00 Biomas rosianos: que lugar bonito para a gente deitar no chão e recomeçar**

Prof. Dr. Josué Godinho (UEMG)

Professor de Teoria da Literatura, Literaturas de Língua Portuguesa e Leitura e Produção de Texto na Universidade do Estado de Minas Gerais (Ibirité). Leitor de literatura e filosofia, gosto das árvores, gosto da vida e da Terra, vivo.

Resumo: Este bioma é um experimento poético e conceitual. Sertão e cerrado nele se misturam. Tentaremos entrar pelo meio para nos deitar e recomeçar sentindo, sem intenções de responder a pergunta de Riobaldo: “O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?” Não queremos responder porque aonde é advérbio que indica movimento, não parada. Acreditamos que o sertão cerrado é um bonito lugar para a gente deitar no chão e sentir a vida. Neste experimento, conversaremos com Deleuze, a partir da noção de esgotamento, e com Rosa, com Guattari, com Jonathan Crary e com Déborah Danowski e Viveiros de Castro, porque ainda pensamos em um mundo porvir, apesar dos caminhos contrários

Palavras-chave: Sertão-Cerrado; Esgotamento; Literatura.

- **13h20 Biomas deleuzoguattarianos: o “quadrinho de estória” de João Guimarães Rosa**

Prof. Dr. João Santiago Sobrinho (CEFET-MG)

Professor de Literatura e Filosofia no CEFET-MG, produz experimentos no ensino médio, graduação e pós-graduação. Transita pelas artes e a filosofias imanentes de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tomando-os como os principais intercessores na crítica realizada ao capitalismo e a tecnologia e toda forma de imperialismo que coloca em risco as vidas na Terra.

Resumo: Pensamos esse experimento entre biomas, numa inventura que atravessa duas mulheres para chegar àquela que é signo de um devir-mulher. Nesse sentido, atravessamos uma multiplicidade de forças tecnológicas, um biopoder em sua cruzada capitalista assassina e tudo aquilo que impede uma inventura. Para tanto, aliamos-nos a outros dois biomas afirmativos, o da filosofia da imanência de Gilles Deleuze e Felix Guattari e o da arte, isto é, das sensações, afectos e perceptos do escritor brasileiro João Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Biomas; Devir-mulher; Deleuze e Guattari; Guimarães Rosa.

- **13h40 Biomas esquizodramais: atualizando os modos de vida**

Profa. Dra. Margarete Amorim (IGB)

Psicóloga clínica e institucional, esquizodramatista. Mestre em educação e doutora em psicologia social. Coordenadora do Instituto Gregorio Barenblitt (IGB), onde coordena o curso de Pós-graduação Esquizodrama, esquizoanálise e análise institucional: clínica individual, grupal, organizacional e de coletivos sociais e o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Esquizodrama.

Resumo: O esquizodrama é um saber e fazer que se propõe intervir na realidade de forma crítica e transformadora, atualizando novos modos de ser e existir, desviantes do modo hegemônico de viver de nossa sociedade. Capitalista e, portanto, excludente, injusta, genocida com as minorias (que são maioria) e ecocida com nossos biomas, desde que não atendam aos interesses de poucos – os donos do mundo. Para isso, o capitalismo reproduz subjetividades alienadas, exploradas, adaptadas e sujeitadas a este modo de vida, reprodução necessária para sua manutenção. Portanto, o esquizodrama está imbuído de uma ética, uma estética e uma política, presentes na construção de sua teoria e em sua forma de intervenção. A esta

forma de intervenção, vai denominar de klínicas – com K, para contrapor à clínica tradicional (cuja etimologia vem de clinus – inclinado/deitado) em geral, capturada e a serviço do sistema. Klínica com k tem como etimologia clinamen, termo utilizado pelos atomistas que podemos traduzir como desvio criador. Ou seja, trata-se da invenção de dispositivos/montagens/klínicas singulares para intervir: raspando todos os aspectos de reprodução desta lógica dominante presentes na reprodução de subjetividades e modos de vida a seu serviço deste sistema e intensificando e propiciando a emergência de subjetivações e modos de vida inventivos e desviantes desta lógica.

Palavras-chave: Esquizodrama; Klinica; Capitalismo; Desvio.

- 14h00 **Conversações**

Território II (14h30 - 16h00)

- 14h30 **Biomassas vegetais: micromediações, biodiversidade e bibliodiversidade**

Ms. Luciana Tanure (CEFET-MG)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do CEFET-MG, onde integra os grupos de pesquisa Literatécnica e Tecnopoéticas. Mestre em Artes pela Universidade do Texas em Austin, bacharel em Comunicação Social: Jornalismo pela UFMG, onde fundou C.R.I.A. UFMG Jr. Diretora executiva e editora responsável da Quixote+Do.

Resumo: Pensamos os territórios dos micélios - conjunto de hifas emaranhadas de um fungo - presentes em nossas páginas e paisagens, para percorrermos modos de existência mínimas em devires menores. Dessa forma, estamos duplamente famintos pela proteína vegetal e pela proteína incorporal, a das linguagens e não linguagens. Por isso, nos encontramos nos livros ameaçados pela obsolescência programada. Nos “livros de ocasião”, que encontramos em livrarias, em sebos, na internet ou na biblioteca comunitária da rua, onde os micélios estão em abundância. Podem ser mais bem entendidos não como uma coisa, mas como um processo – uma tendência irregular e exploratória em relação à vida, fluindo pelos biomassas. Eletricamente excitável, o micélio conduz ondas de atividade elétrica ao longo de suas hifas, ao modo dos impulsos em nossas células nervosas, quando escrevemos ou lemos este texto.

Palavras-chave: Memória vegetal, Bi(bli)odiversidade; Devir.

- 14h50 **Biomias líquidos**

Prof. Ms. Franklin de Paula Jr. (UNB)

Pequeno navegante de águas híbridas, transfronteiriças, sondáveis e insondáveis, sentipensante desde o Sul Global, vindo das Minas pros Gerais, pai de Laura, mestre e pesquisador-doutorando pela Universidade de Brasília (UNB) nas temáticas educativas, das humanidades, dos diálogos interculturais e hidrogeopolíticos.

Resumo: Se a vida é fluxo, vibração, circularidade e criação, a liquidez é um estado inerente à nossa condição de entrevivente. Existimos coexistencialmente e a água incide de modo inexorável nesta condição, ela entrelaça o nosso ser-no-mundo-junto, alter-referido, amalgamando-nos (humanos) – num ‘composicionismo’ híbrido e cosmopolítico – aos demais seres (extra-humanos) integrantes de uma heterogênea rede conectiva de vida. Os ‘biomias líquidos’, com suas múltiplas naturezas e territórios de água, são tecidos por inúmeros centros de perspectiva inscritos uns nos outros, dotados de intencionalidades entrelaçadas. A liquidez ajuda a compreender a interagência desta constelação de organismos hidroconectados em fluxo incessante – singularidades em diferenciação com suas respectivas “intensidades biomáceas”. No entanto, a face colonial-capitalística do empreendimento moderno ocidental euronortecêntrico nos interpõe uma ameaça existencial, operando cisões abissais, fraturas no metabolismo planetário e esgarçamento do tecido social, empurrando-nos, aceleradamente, para um desorizonte. Ante o risco de colapso, urge empreender diálogos, rematriar saberes instituintes historicamente esmagados por esta voracidade espoliadora. O ente relacional da água – tal como expresso nas cosmologias originárias, nas quais natureza e cultura constituem um mesmo campo sociocósmico –, brinda-nos com uma pedagogia da vida que pode apontar saídas e reabrir o horizonte de transformação, engravidando mundos e estabelecendo novas territorialidades.

Palavras-chave: Biomias; Capitalismo; Vida; Água.

- 15h10 **Biomias políticos: razão instrumental/ desastre/ semente**

Profa. Dra. Nilcea Moraleida (UFMG)

Socióloga (UFMG, 1974), Mestre em Sociologia (UNICAMP, 1983), Doutora em História (UNICAMP, 1993). Professora aposentada do Departamento de Ciência Política da UFMG, pesquisadora do Centro de Estudos Rurais da FAFICH (UFMG). Pós-graduada em “Artes Plásticas e Contemporaneidade”, Escola Guignard/UEMG, 2009.

Resumo: Pretendo tratar da redução contemporânea da política à sua dimensão instrumental, como “técnica de governo” limitada aos poderes institucionais hierarquizados, esvaziando-se o sentido clássico e primeiro da Polis e da Soberania Popular na condução dos destinos coletivos, com ênfase nas práticas de controle e nas técnicas para induzir comportamentos e submissões, inclusive virtuais. Esta redução radical do Político está associada à absoluta hegemonia da Economia, numa forma brutal de expropriação da Natureza e do Trabalho Humano; e à busca da subordinação tecnológica de todos os espaços, inclusive os mentais e subjetivos, os de compartilhamento e de criação. Daí o ressecamento da própria dimensão humana da Política e de seu pensamento, conduzindo ao desastre. Falo de Desastre Humano e Desastre Ambiental, pela contínua produção de desigualdades e violências que fazem emergir, em reação, a recusa massiva do mundo contemporâneo e da Política enquanto “técnica do Mal-Viver”, somada à devastação de nossos territórios pela exaustão Neocolonial da exploração desmesurada, e célere. A partir dessa constatação, abordo Biomias Alternativos e regeneradores da Política propondo a figura polissêmica e rizomática da semente: dos sobreviventes à Razão Técnica, com seus pensares na Arte, nas águas e rios, nos poetas visionários e pensadores originários do Brasil.

Palavras-chave: Soberania popular; Razão instrumental; Desastre; Arte.

- 15h30 **Conversações**

Território III (16h00 - 17h30)

- 16h00 **Biomias nietzschianos: da desumanização da natureza ao sentido da terra**

Prof. Dr. Laurici Gomes (UEMG)

Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UNESP, mestre e doutor em Filosofia pela UFMG. Professor e pesquisador da FAE/UEMG e professor do Programa de Pós-Graduação Educação e Formação Humana da FAE-UEMG. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Sociologia e Filosofia (NEPESF/FAE/UEMG).

Resumo: Diante da crise ambiental, em que somos colocados diante da necessidade de rever nossas formas de compreender o humano e a natureza, a filosofia de Nietzsche nos oferece um farol extemporâneo para as dificuldades e tensões que envolvem essa tarefa. Em um caderno de anotações de 1881, o filósofo diz: “Minha tarefa: desumanizar a natureza e depois naturalizar o homem uma vez que tenha conquistado o conceito puro de “natureza”” (KSA 9 11[211]). A cosmologia do eterno retorno, pensamento que aparece pela primeira vez nesse caderno, está profundamente comprometida com essa tentativa de desumanizar a natureza. No entanto, na obra publicada, como sabemos, Nietzsche prioriza os aspectos éticos do eterno retorno em detrimento da cosmologia, o que pode ser compreendido a partir da centralidade cada vez maior assumida pelo problema do niilismo. À luz da dinâmica processual do niilismo, o sentimento de indiferença que seria produzido pela cosmologia do eterno retorno, nos conduziria ao niilismo dos últimos homens, e não ao além do homem, o sentido da terra. Se por um lado, o conceito de natureza que possuímos é marcado pelo antropocentrismo, por outro lado, cabe considerar se o puro conceito de “natureza” seria capaz de dar sentido a Terra.

Palavras-chave: Terra; Natureza; Eterno retorno; Nietzsche.

- 16h20 **Biomias sociais**

Prof. Dr. Ubirajara Santiago de Carvalho (CEFET-MG)

Graduado em Ciências Sociais pela UFMG (2003), mestre em Literatura Brasileira pela UFMG (2006) e doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (2018), com tese sobre os múltiplos envolvimento nas ocupações das escolas públicas do Rio de Janeiro em 2016. Interessa-se por diferentes áreas do conhecimento, mas, sobretudo, por sociologia, antropologia, filosofia e literatura.

Resumo: Todo bioma é múltiplo e dinâmico. A apropriação técnica dos territórios passa por opções históricas que podem assumir muitas formas possíveis. A hipertrofia do governo por metas e resultados é uma opção política que gera sérias consequências para os biomas em que se instala e para os envolvimento plurais dos seres que o coabitam. Essa comunicação foca, portanto, a relação entre o governo por metas e resultados e suas consequências deletérias para os envolvimento em diferentes biomas sociais: o cerrado, as empresas, as escolas e outras organizações. As crescentes pressões predatórias sobre os biomas produzem, com efeito, sérios riscos à biodiversidade e ao reconhecimento dos múltiplos envolvimento que compõem nossa condição específica e a singularidade de cada pessoa.

Palavras-chave: Biomias; Territórios; Multiplicidade; Riscos.

- 16h40 **Biomias poéticos: o livro, o poliedro e o poeta**

Prof. Dr. Elaine Martins (CEFET-MG)

Professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG. Graduada em Letras pela UFSJ, mestre em Teoria da Literatura pela UFMG e doutora em Literatura Comparada também pela UFMG com estágio doutoral na Università degli studi di Roma “La Sapienza” (Itália), atua nas áreas de estudos literários e estudos de edição.

Resumo: Criar, produzir, escrever tem a ver com traçar e ligar espaços e regiões ainda que sejam por vir, como linhas de fuga poliédricas. Os biomas poéticos do escritor em sua singularidade, em sua língua menor, expressam-se em territórios do livro por vir. A escrita, a literatura, é lançada para fora

da unidade linear aumentando as suas possibilidades de fazer rede com outros campos, do para além do livro nascido da dobra e fechado em sua materialidade. Busca-se pensar noções de livro e de seus biomas poéticos a partir de uma leitura de Poliedro, do poeta Murilo Mendes. Sob o signo do poliedro, tomado aqui como dispositivo poético, o território expandido do livro muriliano apresenta quatro setores, “Microzoo”, Microlição de coisas”, “A palavra circular” e “Texto délfico”, e pode ser lido como um movimento e monumento poético.

Palavras-chave: Livro, Poliedro, Biomas poéticos, Murilo Mendes

- 17h30 **Conversações**

Quinta-feira, 17 de outubro | Campus Nova Suíça | Sala 330

13h00 **Mesa Território IV**

14h30 **Mesa Território V**

16h00 **Intervalo**

16h30 **Mesa Território VI**

16h30 **Mesa Território VII**

Mediação: Profa. Elaine Martins | Prof. João Santiago Sobrinho

Território IV (13h00 - 14h30)

- 13h00 **Biomas textuais: andamento em letra menor**

Prof. Dr. Wagner Moreira (CEFET-MG)

Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Minas. É professor do CEFET-MG, com atuação no POSLING, no Curso de Letras e no Ensino Técnico-Integrado. Têm vários livros de poesia publicados, dentre eles, terralegria (Impressões de Minas, 2020), rumor de pétala (Edições Alma de Gato, 2017), solos (Editora Scriptum, 2015), samba (Edição autoral, 2023), voltas (Edição autoral, 2023), A solidão nas mãos (Poesia Orbital, 2024 – em conjunto com Rogério Barbosa de As pequenas coisas)e cantolhar (Inmensa Editorial - Coleção Infame Ruído, 2024).

Resumo: Comum a várias composições, uma vida a se dar a ver pela linguagem-pensamento, uma coisa conjunta que não se separa, vai e volta sobre si e se distende pelos mundos todos como o magma a florescer periférico da terra, como magma a florestar quando perde calor em demasia Comum porque composto por vozes múltiplas de espécies múltiplas Comum porque desterra as diferenças e afirma o avesso do que se quer normativo Uma tessitura enredada que faz refaz desfaz a vida e frui linguagem-pensamento a fora Comum porque na boca ouvido olhos mãos das gentes todas a fazer trama de existir para afirmar os corpos viventes

Palavras-chave: Bioma; Texto; Fruição.

- 13h20 **Biomias digitais: perspectivas rizomáticas da literatura e das artes**

Prof. Dr. Rogério Barbosa (CEFET-MG)

Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Professor do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG, onde atua no curso de Letras (disciplinas de edição e de poesia) e no POSLING. Coordenador principal do grupo Tecnopoéticas: Pesquisas em poéticas tecnológicas, digitais e analógicas; membro do GT Literatura Digital da ANPOLL.

Resumo: Deleuze e Guattari escolheram representar a estrutura de seus Mil platôs a partir de uma metáfora vegetal, de modo a evidenciar não só a multiplicidade, mas também como forma de organização desierarquizada e horizontal do conhecimento. Ainda que não tenha ainda certeza se é legítimo refletir sobre a cultura digital (com suas interfaces eletrônicas e virtuais) sob o viés de um bioma, penso que talvez seja interessante explorar essas metáforas vegetais que recobrem o conhecimento e a produção do digital, tal como a forma rizomática de alastrar e modificar fortemente toda uma tradição impressa ou analógica da produção literária e artística, ou mesmo de pensar a “cultura” digital, sob esse aspecto do cultivo, a expressar o alastramento da famigerada conversão digital que nos tomou no início deste século. Sob esse argumento, proponho essa comunicação que apreende já o digital como um fazer, um procedimento de arte capaz de transformar a tecnologia como uma matriz divergente e de abertura por trás da grande esponja que é, em suma, o capital.

Palavras-chave: Digital; Rizoma; Tecnologia; Arte.

- 13h40 **Biomias editoriais: a edição de poesia como ruptura**

Prof. Dr. Julio Abreu (CEFET-MG)

É graduado em Letras pela PUC-Minas em Design Gráfico UNI-BH e mestre e doutor em Estudos de Linguagem pelo CEFET-MG, onde atualmente atua como professor no Departamento de Linguagem e Tecnologia. Editou a revista *Olympio Literatura e Arte*, com Maria Esther Maciel, José Eduardo Gonçalves e Maurício Meirelles; e dirige, com Leonora Weissmann, a *Jiló Design*, que desenvolve projetos, sobretudo, editoriais.

Resumo: O ensaio propõe apontar modelos editoriais em que os processos tornem viáveis a publicação de livros de poesia – modelos que desafiam as estruturas tradicionais da indústria editorial e promovem a criação de redes colaborativas entre autores, editores e leitores. Tais modelos, caracterizados pela flexibilidade, permitem a adaptação a novas mídias e formatos, incentivando a descentralização do poder das grandes editoras e abrindo espaço para iniciativas independentes, que enfatizam a interatividade, transformando leitores em participantes ativos na criação de conteúdo, o que enriquece o processo editorial. O design e a experimentação gráfica é uma de suas principais características, permitindo que novas vozes e perspectivas sejam ouvidas. Exemplos práticos incluem publicações digitais, coletivos de autores e editoras independentes que buscam diversificar a produção literária e cultural, que representam uma nova forma de pensar a edição e a circulação do conhecimento através dos livros, destacando a importância da diversidade, inclusão e inovação no campo literário da poesia contemporânea. Essa abordagem não apenas enriquece a produção cultural, mas também reflete as dinâmicas sociais e tecnológicas da edição de poesia.

Palavras-chave: Edição; Poesia; Design.

- 14h00 **Conversações**

Território V (14h30 - 16h00)

- 14h30 **Biomass afro-brasileiros: a poesia de Ricardo Aleixo enquanto devir afro-brasileiro**

Grad. Andreia Pereira Ledo (UFOP)

Graduanda em Letras pela UFOP, onde integra o Grupo de Estudos sobre Discurso e memória (GEDEM). Revisora e livreira. Possui formação técnica em Cinema pela Escola Livre de Cinema. Já atuou na educação de recuperandos da APAC de Santa Luzia e em diversos projetos de ensino de Cinema e Literatura na rede pública de Belo Horizonte.

Resumo: Na antologia poética *pesado demais para a ventania* (2018), o poeta belo-horizontino Ricardo Aleixo nos revela de que maneiras os biomas afro-brasileiros são, dia após dia, soterrados pela norma hegemônica das máquinas imperiais e capitalistas que se mantêm a partir de tecnologias político-coloniais. Se pensar o mundo enquanto sujeito desviante é “pesado demais”, há a poesia como criadora de mundos possíveis. A poesia se apresenta como matéria fundante de vida, assim como o cerrado, opacizado pelo processo intermitente de urbanização, abre janela para outros lugares: de Manhattan a Berlim, de Nova Lima a Casablanca. A voz múltipla alexiana também ecoa referências diversas: de Camões a Baldwin, de Miles Davis a Milton Nascimento – o território poético de Aleixo é uma terra ecoando entre as vidas na Terra. Seus versos germinaram em Minas Gerais e seguem rizomaticamente devindo por outros biomas. Se encararmos a poesia enquanto devir – isto é, criação – a obra de Ricardo Aleixo pode, além de nos ajudar a compreender as dinâmicas políticas, sociais e ambientais que moldam uma realidade afro-brasileira, nos permitir pensar “o dardo de uma hipótese,/ o mundo como nunca/ o havíamos/ visto antes.”

Palavras-chave: Poesia; Política; Rizoma; Devir.

- 14h50 **Biomias ameríndios**

Prof. Dr. Rafael Fares (UEMG)

Compositor e pesquisador. Doutor em Literatura Indígena pela UFMG e professor na UEMG. Realiza livros, filmes e exposições de artes plásticas com indígenas. É autor dos livros de poemas Exemplar Disponível ao Roubo (2011), Fio d'água (2014) e Árvore Nômade (2021). Em 2022, lançou seu primeiro disco autoral: o Libertália.

Resumo: Os povos denominados Maxakali são habitantes desde tempos imemoriais do que chamamos Mata Atlântica, do Norte de Minas ao Sul da Bahia. Historicamente foram povos semi-nômades e as fronteiras de seus territórios se confundiam com a paisagem do bioma que chamamos Mata Atlântica. Atualmente, vivem aldeados e a Mata Atlântica corre risco de extinção. Diante disso, junto com o Ministério Público de Minas Gerais, eles desenvolvem um projeto de reflorestamento de todas as aldeias onde vivem: o hamhiterraviva. Projeto exemplar, esta experiência é fundamental para a saúde do planeta e desses povos que vivem de maneira simbiótica com a paisagem. Sem as florestas não há vida para os yamiyxop: os diversos seres da terra viva (povos-macacos, povos-morcego, papagaios, gaviões...). É com eles que os Maxakali constroem o verdadeiro conhecimento, é por eles que é preciso trabalhar o manejo da terra.

Palavras-chave: Maxakali; Mata Atlântica; Floresta.

- 13h10 **Biomias ecológicos: jardim em suspense**

Dr. Reginaldo Lopes (UFRJ)

Possui graduação em Psicologia pela UFMG, mestrado em Ciência Política também pela UFMG e doutorado e pós-doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ. Atualmente é pesquisador do INCT - Inovação, Redes e Territórios e do Laboratório Estado, Sociedade, Tecnologia e Espaço da UFRJ. É também fotógrafo autoral.

Resumo: Esta intervenção objetiva apontar as raízes, a natureza e a função dos conceitos estruturais que acercam os meios sociotécnicos tais como neoextrativismo e neocoronelismo. O nó górdio desse processo transparece ante um gesto-fio panorâmico, o conceito de Antropoceno, que, em um

primeiro momento, elucidamos em uma perspectiva interdisciplinar; em um segundo momento, tecemos relações de como o conceito em questão está imbricado com o território e que problemas trouxe ou acrescentou àqueles já crônicos; e, em um terceiro momento, analisamos a relação entre as big techs e a megaminería, seja no sentido da materialidade demandada, seja pelas consequências socioecológicas nefastas. Tal caminho nos traz à uma cartografia (nova?) que nos permite identificar a forma como atores políticos e empresas nacionais e internacionais se associam e mobilizam parceiros locais e regionais para exercerem o controle do território, constituindo uma nova geografia física, econômica e política, quiçá, cultural, que decompõe o território nacional em novos fragmentos “glocalizados”. Os desastres-crime da megaminería em Mariana e Brumadinho, sem dúvida alguma, pertencem a esta cartografia da destruição: afetou um território, afetou uma série de cidades, destruiu seu meio ambiente e as condições de subsistência de seus habitantes. Eis o esforço desta intervenção.

Palavras-chave: Neocoronelismo; Neoextrativismo; Antropoceno.

- 15h30 **Conversações**

Intervalo (16h00 - 16h30)

Território VI (16h30 - 18h00)

- 16h30 **Biomias musicais: a escuta como meio de conscientização dos biomias**

Ms. Anderson Reis (UFMG)

Doutorando, mestre e bacharel (habilitação violão) em Música pela UFMG. Músico, apresenta em solo e em duos de canto e violão, dedicando-se à elaboração de arranjos e transcrições para voz e violão, tema de suas pesquisas. Em 2023, lançou um livro de partituras com nove transcrições para canto e violão das Lendas Amazônicas do compositor paraense Waldemar Henrique.

Resumo: A música é sempre um convite aos vários tipos de escuta. Primeiro, das músicas prediletas que constituem um gosto musical, ouvindo as vozes e os músicos que as acompanham; num segundo momento, a escuta dos instrumentos, timbres, sons e ruídos; e, ainda em outra camada, questiona-

se por que certos sons são preteridos. Ao questionar esses motivos, adentra-se em um exercício filosófico, e os ouvidos fazem um movimento contrário ao habitual, voltando-se para dentro. A partir dessa busca, o músico reflete sobre como sua escuta, enquanto instrumentista, o guia para outras possibilidades de entendimento do mundo, no qual todo e qualquer som pode fazer parte de uma composição global. Tal exercício de escuta direciona o indivíduo simultaneamente para dentro e para fora, tornando-o consciente de si e do mundo ao seu redor, e, nessa expansão e contração, localiza-se e conscientiza-se como o principal agente de desequilíbrio dessa composição sonora global, sendo convidado a rever sua participação no equilíbrio da ecologia sonora.

Palavras chaves: Música e meio ambiente; Paisagem sonora; Escuta.

- 16h50 **Biomias biológicos**

Profa. Dra. Fabiana Pereira (CEFET-MG)

Graduada em Ciências Biológicas pela UFMG e mestre e doutora em Microbiologia também pela UFMG, onde se especializou no estudo de probióticos e microbiologia aplicada. É professora do CEFET-MG, onde coordena laboratórios e conduz pesquisas interdisciplinares nas áreas de probióticos, educação ambiental e práticas didáticas, com foco na integração entre ciência e ensino.

Resumo: A conexão entre a filosofia de Deleuze e Guattari e a biologia propõe uma abordagem que vai além das explicações convencionais da ciência. A Terra, para eles, é um espaço criativo e dinâmico, em constante transformação, e a biologia, vista sob essa ótica, expande-se para compreender a vida como um conjunto de interações, multiplicidades e processos rizomáticos. O conceito de “rizoma” desafia a visão hierárquica e linear da evolução, sugerindo que a vida se desenvolve por meio de redes descentralizadas e interdependentes. Nessa perspectiva, a Terra é entendida como um “corpo sem órgãos”, um campo de forças onde surgem ecossistemas e formas de vida por meio de experimentações contínuas. Além disso, Deleuze e Guattari introduzem os conceitos de “territorialização” e “desterritorialização”, que descrevem como os ecossistemas e seres vivos criam e desfazem territórios em um processo constante de transformação. Essa abordagem propõe uma visão holística da biologia, conectando-a à ecologia planetária e à geopolítica, reconhecendo a complexidade das interações entre organismos

e o ambiente. A biologia, assim, passa a abarcar o estudo da vida como um fenômeno coletivo e integrado.

Palavras-chave: Terra; Biologia; Corpo sem órgãos; Vida.

- 17h10 **Biomias tecnológicos**

Prof. Dr. Roger Dutra (CEFET-MG)

Graduado em História UFMG, mestre e doutor em História Social pela PUC-SP. Foi pesquisador visitante do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2003/2004). Atualmente, é docente do Departamento de Educação do CEFET-MG, no qual leciona as disciplinas Filosofia da Tecnologia, Metodologia Científica, Relações Étnico-raciais, gênero e Diversidades e Cidadania, Direitos Humanos e Meio Ambiente.

Resumo: O objetivo da apresentação é sugerir contrastes entre algumas características meta estruturais dos devires dos biomas e aquelas do projeto ultratecnológico. O conceito de ultratecnologia, elaborado pelo sociólogo moçambicano Hermínio Martins, refere-se ao momento contemporâneo de transição na relação entre a humanidade e seus artefatos tecnológicos. Nele, a ilusão da neutralidade das técnicas e tecnologias é finalmente superada, obrigando-nos a abdicar da percepção de que o homem seria o “deus dos artefatos”. Por meio da exposição de um painel de conceitos sobre as tecnociências – entre outros, o de technological fix, de neutralidade, obsolescência, catastrofismo, nostalgia – proporemos sua interface com algumas características meta estruturais dos biomas, tais como equilíbrio e permanência, plasticidade e mudança, coerência interna e coexistência entre dessemelhantes. Nessa interface, trataremos o conceito de destruição criadora, do economista Joseph Schumpeter como elemento transdutor. Este, implicaria que a conversões biológicas, sociais e energéticas entre as exigências do projeto ultratecnológico e os devires dos biomas são mutuamente excludentes, hostis e insanáveis, tornando impossível sua existência tal como os conhecemos.

Palavras-chave: Ultratecnologia; Destruição Criadora; Devir.

- 17h30 **Conversações**

Território VII (18h00 - 19h30)

- 18h00 **Biomias geográficos**

Grad. João Moraleida (UFMG)

Mestrando em Geografia pela UFMG e graduado em Geografia pela UFMG. É membro e editor-assistente da Revista Geografias, membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Desenvolve pesquisa sobre impactos da mineração em comunidades rurais e tradicionais, história das comunidades carvoeiras e da siderurgia, ocupação da Mata Atlântica, segurança hídrica e ciclo hidrossocial.

Resumo: Apresentam-se compreensões que indagam não a conhecida hipótese do distanciamento entre sociedade-natureza, porém o avesso: as suas aproximações, produções, vínculos, tramas, e, inclusive, ecologias, articulados com o capitalismo. Os arranjos internos da exploração da natureza pela sociedade (e vice-versa) não se encerram somente na extração, produção e acumulação. Trata-se de um momento de extensas redes e processos. Criam-se, assim, complexas (e contraditórias) tramas que, ao revelarem formas de vida, ao mesmo passo, parecem negá-las. Pensar a geohistória, e seus biomas, implica reconhecer as estreitas relações entre a materialidade dos hoje denominados recursos naturais, sobretudo a sua transformação em recursos, e as sociedades articuladas através de tais relações. Não se trata de identidades culturais e seus distintos significados de mundo, como se poderia ligeiramente sugerir, mas radicais diferenças ontológicas que implicam, por sua vez, realidades também diferentes. Propõe-se, desse modo, pensar acerca e junto à Terra: às energias e água(s) na trama das sociedades produzidas por elas e que também as produzem. Em consequência, questiona-se: caberá apenas à natureza o seu estatuto de bioma?

Palavras-chave: Diferença; Natureza; Geohistória.

- **18h20 Biomas educacionais: a arte como potência do falso e construção do mundo na educação como experiência**

Prof. Dr. Fernando Zanetti (UEMG)

Doutor em Psicologia pela UNESP-Assis, fez pós-doutorado na Faculdade de Educação da USP. É professor da UEMG (Frutal) e no mestrado da Faculdade de Educação da UEMG. É vice-coordenador do GT Subjetividade Contemporânea da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.

Resumo: Resumo: Parto de uma ideia cara a Nietzsche que ressalta a arte, como Potência do falso e como uma das poucas formas de Redenção da Existência mortal. Esse autor, como também Foucault e ou Deleuze vão produzir uma filosofia que responda as problemáticas da Morte do Sujeito e do sentido dado pela unidade subjetiva que seriam deflagradas pelo Estruturalismo linguístico. Nesse contexto, a arte será pensada como produção de mundo e lugares para habitar sem a prerrogativa de um sujeito criativo. Diante desse quadro de possibilidades busco confrontar e descrever como as práticas da arte-educação vão pensar a arte. A guisa de resposta encontra-se aqui uma noção de arte como expressão do sujeito ou responsiva a um projeto de mundo oferecido de antemão ao aluno, produzindo assim um uso instrumental das práticas artísticas. E vista de tal emergência lança-se a problemática da Experiência como um imponderável nos jogos de possíveis que se encerra a prática educativa.

Palavras-chave: Arte; Educação; Experiência.

- **18h40 Biomas cineambientais: ecologia dos orixás**

Prof. Dr. Pedro Aspahan (UFMG)

Músico, realizador e professor da Escola de Belas Artes da UFMG. Doutor em Comunicação pela UFMG, com estágio doutoral na King's College London, estudando as relações entre Cinema Moderno, Música Contemporânea e a Estética do Serialismo na obra de Straub-Huillet. Tem pós-doutorado em Comunicação e coordena o Laboratório Audiovisual dos Saberes Tradicionais da UFMG.

Resumo: Iyá Ewé Angela Gomes, a “Cuidadora das Plantas”, adentra a mata do Parque das Mangabeiras, em Belo Horizonte, e, entre a pitangueira de Oxóssi e o riacho de Oxum, ela, que é filha de Lògún Edé, faz cantos e saudações às entidades ali presentes, enquanto fala sobre seu aprendizado da Ecologia dos Orixás. (Pedro Aspahan e César Guimarães, 34’, 2024.)

Palavras-chave: Cuidadora de plantas; cinema; Ecologia dos orixás.

- 19h00 **Conversações**



LETRAS | Tecnologias
de Edição

POSLING | Programa de Pós-Graduação
em Estudos de Linguagem

DELTEC | Departamento de
Linguagem e Tecnologia



20ª Semana C&T

SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CDCT | Coordenação de Divulgação
Científica e Tecnológica

DPPG | Diretoria de Pesquisa
e Pós-Graduação

DEDC | Diretoria de Extensão e
Desenvolvimento Comunitário



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

